

Filósofo lendo...



Rembrandt [Harmenszoon van Rijn] *Philosopher Reading*  
[Oil on canvas: 1638 (*later copy of a lost original?*)], Stockholm Nationalmuseum

A produção artística de Rembrandt é vastíssima. Ainda assim, muitas das criações pictóricas que sabemos executadas por mão própria, encontram-se, por irremediável infortúnio, condenadas a um extravio muito difícil de reverter. Dessas obras perdidas, conhecemos algumas delas, poucas em todo o caso, graças a cópias de alguns aprendizes umbilicalmente envolvidos e identificados com o programa pictórico do seu mestre. Muito provavelmente será o caso desta, onde um ancião (convencionalmente retratado como “filósofo”) comparece exposto em acto de distendida e compenetrada leitura. Uma subtil claridade desagua sem quaisquer entraves no interior do habitáculo através de uma janela aberta, banhando com discreta luminosidade a mesa onde o provecto leitor fixa o olhar num livro ligeiramente soerguido, também ele aberto. Seja ele da autoria do próprio Rembrandt ou por ele esteticamente tutelado (para o caso, pouco importa), o quadro parece obedecer a um desígnio meticulosamente plasmado na cena nele materializada, e não por acaso: trata-se, na verdade, de recriar pictoricamente o limiar onde opera uma dupla mediação entre, por um lado, a externalidade (não visível) e a internalidade (observável) do espaço figurado, e por outro, entre a interioridade silenciosa do livro aberto e a interioridade aberta do leitor silencioso, numa reduplicação articulada de planos que o mesmo acto de leitura parece iluminar. Por outro lado, o complexo jogo arquitectural de arcos que sustentam e abrigam o enredo do espaço (em) que o leitor (se) lê e é lido, propicia uma outra e não menos inevitável interacção de planos, justamente aquela em que se verticaliza a tensão bipolar entre “alto” e “baixo”, “superior” e “inferior”, desafiando o olhar da mente para as infinitas possibilidades que se abrem às itinerâncias ascendentes e descendentes da condição humana. Eis, portanto, a transfiguração dos infinitos e possíveis mundos num Mundo infinito e possível, desta feita já sem “dentro” nem “fora”, cujo sentido se dilata e adensa no entrelaçamento crepuscular de luz, penumbra e sombra. Dir-se-ia que todos os elementos pictóricos se conjugam e conspiram para propiciar uma subtil atmosfera platónica. Por sua vez, o leitor retratado na tela encontra-se sentado, com os braços distendidos ao longo do corpo, numa pose completamente imperturbável, quase diletante, despojado de adereços inúteis e poupado a distrações intrusivas, a fazer lembrar aquela tão afamada e não menos contundente sentença de Heraclito de Éfeso pela qual somos advertidos de que “a muita

erudição não ensina a inteligência”. Parecendo multiplicar os seus ecos em todos os recantos da tela rembrandtiana, somos por ela constantemente recordados que a verdadeira cultura deve basear-se mais na qualidade vivida da leitura e não na quantidade acumulada de informação. Quer da autoria de Rembrandt, quer de uma versão discipular nele ou por ele imediatamente inspirada, o *Filósofo lendo* espelha em pleno uma ideia a reter na sua paradoxal assimetria: «o amor aos livros manifesta-se pela resposta a estes com outros livros, não para escutar, em eco, os primeiros, mas para lhes dar a voz, de que eles necessitam para intensificarem o seu sentido, para dizerem o sentido novo.